

A photograph of a female physical therapist with blonde hair, wearing a white tank top and white pants, performing a manual therapy technique on a patient's arm. The patient is lying on a table, wearing a red shirt. The therapist is standing and using both hands to support and manipulate the patient's forearm. The background shows a clinical setting with a window and a grid pattern.

**Anelice Calixto Ruh
(Organizadora)**

Fisioterapia e Terapia Ocupacional: Modelos de Intervenção

Anelice Calixto Ruh
(Organizadora)

Fisioterapia e Terapia Ocupacional: Modelos de Intervenção

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
F528	Fisioterapia e terapia ocupacional [recurso eletrônico] : modelos de intervenção / Organizadora Anelice Calixto Ruh. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-659-1 DOI 10.22533/at.ed.591192709 1. Fisioterapia. 2. Terapia ocupacional. I. Ruh, Anelice Calixto. CDD 615
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A saúde pública brasileira preconiza as doenças crônicas como sendo facilitadoras das condições limitantes do sistema musculoesquelético na fase laboral da vida do indivíduo. Diante do exposto os tratamentos que se utilizam de técnicas manuais tornaram-se forte aliados dentre os tratamentos fisioterapêuticos no que concerne o tratamento da dor crônica. As mobilizações e manipulações aplicadas pelo fisioterapeuta em todas as áreas da saúde, tem sido satisfatória para o paciente que sofre de dores crônicas, diminuindo a morbidade e os gastos da saúde pública. Neste e-book trazemos artigos que descrevem sobre esta abordagem da fisioterapia.

Engajada nos processos de transformações no campo da saúde mental a Terapia Ocupacional busca incessantemente promover a ruptura de práticas que alimentem condutas desumanas. A terapia ocupacional estimula a criatividade, o autoconhecimento, momentos de reflexão e expressão, impulsiona mudanças na rotina institucional realmente reposicionando este indivíduo perante a sociedade. Aqui você se atualiza sobre a saúde mental e a terapia ocupacional.

Aproveite sua atualização.

Anelice Calixto Ruh

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMPARAÇÃO DA SATISFAÇÃO SEXUAL E DA AUTOESTIMA ENTRE IDOSAS PRATICANTES DE ATIVIDADE FÍSICA E IDOSAS SEDENTÁRIAS	
Fernanda Ferreira de Sousa Eveline de Sousa e Silva Jacqueline Pereira Silva Mota Rossanna Maria de Sousa Pires Aniclécio Mendes Lima	
DOI 10.22533/at.ed.5911927091	
CAPÍTULO 2	16
O USO DE ÓRTESE NA OTIMIZAÇÃO DA MOBILIDADE FUNCIONAL DE CRIANÇAS PORTADORAS DE PARALISIA CEREBRAL - REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Marcelo Monteiro de Castro Almeida Maisa Ribeiro Nilo Machado Junior	
DOI 10.22533/at.ed.5911927092	
CAPÍTULO 3	27
PROTOCOLO DE MANIPULAÇÃO ARTICULAR E MIOFASCIAL PARA ALÍVIO TOTAL DA DOR EM ALGIAS INESPECÍFICAS DE COLUNA	
Maria Emília Ferreira Ramos Priscila Menon dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.5911927093	
CAPÍTULO 4	39
PROTOCOLO FISIOTERAPÊUTICO APLICADO NO PÓS-OPERATÓRIO IMEDIATO DE CIRURGIA BARIÁTRICA	
Karla Garcez Cusmanich Brenda C Inocêncio Alexandre Marotta Renato de Mesquita Tauil	
DOI 10.22533/at.ed.5911927094	
CAPÍTULO 5	47
A ATIVIDADE COMO ELEMENTO INTERMEDIÁRIO DE CUIDADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL EM SAÚDE MENTAL	
Mara Cristina Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.5911927095	
CAPÍTULO 6	56
ATUAÇÃO DA TERAPIA OCUPACIONAL EM UM HOSPITAL DE CUSTÓDIA E TRATAMENTO PSIQUIÁTRICO	
Mara Cristina Ribeiro Marilya Cleonice Santos de Souza Eline Vieira da Silva David dos Santos Calheiros Murillo Nunes de Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.5911927096	
SOBRE A ORGANIZADORA	68
ÍNDICE REMISIVO	69

A ATIVIDADE COMO ELEMENTO INTERMEDIÁRIO DE CUIDADO: RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE TERAPIA OCUPACIONAL EM SAÚDE MENTAL

Mara Cristina Ribeiro

Universidade Estadual de Ciências da Saúde de
Alagoas

Curso de Terapia Ocupacional
Maceió, Alagoas

RESUMO: Partindo da necessidade de um serviço de saúde mental, que reformulava suas ações terapêuticas objetivando mudanças necessárias para a qualificação do cuidado, o texto relata a experiência de constituição e desenvolvimento de um Grupo de Terapia Ocupacional. No corpo dessa narrativa, são trazidas imagens da formação do grupo e das vivências e transformações facilitadas por meio das atividades e das ações dos terapeutas ocupacionais envolvidos. Essa construção terapêutica, que utilizou a atividade como elemento intermediário do cuidado, pôde oferecer vivências singulares aos indivíduos e ao grupo. Os participantes, a partir da ressignificação do fazer nesse contexto, puderam ampliar suas trocas sociais e afetivas, experimentar sentimentos de pertencimento na coletividade e percepção de seus potenciais criativos.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Ocupacional; Saúde Mental; Grupos; Terapêutica; Atividade Humana.

THE ACTIVITY AS AN INTERMEDIARY ELEMENT OF CARE: EXPERIENCE REPORT OF THE OCCUPATIONAL THERAPY GROUP ON MENTAL HEALTH

ABSTRACT: Starting from the need for a mental health service, that reframed their therapeutic actions aiming changes necessary for the qualification of care, the paper reports the formation of experience and development of an Occupational Therapy Group. In the body of this narrative are brought images of the group's training and experiences and transformations facilitated through the activities and actions of occupational therapists involved. This therapeutic construction, using the activity as an intermediary element of care, could offer unique experiences to individuals and the group. Participants from the practice of making in this context, could expand their social and emotional exchanges, experience feelings of belonging and awareness of their creative potential.

KEYWORDS: Occupational Therapy, Mental Health; Groups; Therapeutics; Human Activity.

1 | INTRODUÇÃO

Trabalhar com argila pode ser ... moldar sorrisos

Trabalhar com tintas pode ser... colorir a solidão

Trabalhar com música pode ser... constituir ritmos

Trabalhar com contos pode ser... ouvir histórias

Trabalhar com fios pode ser... ligar pessoas

Trabalhar com o corpo pode ser... abraçar vidas

Trabalhar com Terapia Ocupacional pode ser...

Reconhecer no olhar, no fazer, no falar, no cantar, no andar, no dançar...

No outro... o brilho de cada um!

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são serviços comunitários, constituídos por equipe multiprofissional, integrados à Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde, que têm como objetivos ofertar cuidado na perspectiva da clínica ampliada, garantir o exercício de cidadania e a inclusão de usuários e familiares em seus territórios de vida.

Para atingir tal objetivo as equipes dos CAPS realizam atividades individuais e coletivas. Dentro do leque das atividades grupais, são desenvolvidos grupos terapêuticos, oficinas, grupos de família, atividades comunitárias que podem ser desenvolvidas no espaço do serviço e/ou nos contextos de vida das pessoas (BRASIL, 2015).

Esses recursos são fundamentais, pois oferecem novos “acazos” de enlaçamento real, social. Sendo assim, quanto mais diversificados forem os tipos de grupos, oficinas e demais procedimentos grupais, mais oportunidades serão geradas. Por isso, é de suma relevância as atividades coletivas no perfil técnico do CAPS, em detrimento das individuais (RABELO et al, 2005).

De modo geral, os grupos se caracterizam como reunião de pessoas em torno de uma tarefa e de um objetivo comum, constituindo-se como nova entidade com leis e mecanismos próprios específicos (ZIMERMAN, 2000).

No entanto, no caso específico do uso da estratégia grupal no campo da saúde mental, o grupo passa a ser um dispositivo que mobiliza processos de subjetivação, deixando de ser o modo como os indivíduos se organizam para ser um “catalisador existencial que poderá produzir focos mutantes de criação” (BARROS, 2009) propiciando novos acontecimentos e acentuando o emergir de territórios existenciais da ordem do coletivo e não mais da ordem do individual.

Entre as diversas modalidades de grupos terapêuticos desenvolvidos, o grupo de Terapia Ocupacional (TO) tem em sua especificidade o uso da atividade com o objetivo de facilitar processos dialógicos; ampliar potencialidades individuais e coletivas; protagonizar experimentações e reflexões; possibilitar a expressão de

sentimentos e emoções; melhorar a construção de vínculos; e, aumentar a autonomia e a motivação.

O princípio que norteia o grupo de TO é a ideia de que o fazer pode ter efeito terapêutico quando este está engajado de sentido e significado, ou seja, todos os elementos que envolvem o fazer e as relações desencadeadas nesse processo passam a ser fundamentais na prática clínica do terapeuta ocupacional (BALLARIN, 2003).

Essa estratégia de intervenção tem sido muito bem sucedida na ação dos terapeutas ocupacionais porque o terapeuta ocupacional, dentro dessa perspectiva grupal, se coloca como mediador atento aos seus componentes, disponível para possibilitar os processos criativos e, sobretudo, potencializar as ações de autonomia do grupo e de cada sujeito ali presente (COSTA, 2015).

O trabalho aqui apresentado relata a experiência de constituição e desenvolvimento de um grupo de TO em um desses serviços e traz, no corpo desse relato, imagens da vivência das transformações facilitadas por meio das atividades desenvolvidas e das ações dos terapeutas ocupacionais envolvidos.

2 | A FORMAÇÃO DO GRUPO

Com a reformulação das ações terapêuticas do CAPS em questão, por meio de reuniões semanais da equipe para planejamento das mudanças necessárias para a qualificação do cuidado, detectou-se a necessidade de ofertar grupos específicos com o objetivo de proporcionar processos terapêuticos mais pertinentes às necessidades dos usuários.

Buscava-se a construção de coletivos que tivessem como característica a constância e o enquadre mais contínuo das ações terapêuticas, substituindo assim, a constituição frequentemente conhecida de agrupamentos de pessoas por encontros semanais com constância de dia, horário, participantes e coordenadores (LIMA, 2015).

Desta forma, foi criado no serviço o grupo específico de TO, que deveria ser frequentado por usuários considerados em sofrimento mental grave, que apresentassem dificuldades significativas nas suas trocas cotidianas, em virtude principalmente, mas não só, da fala e do discurso serem insuficientes e da autonomia ainda ser bastante precária diante dos seus cenários de vida. Sendo, portanto a práxis, o melhor caminho para que o cuidado pudesse se aproximar de suas necessidades singulares.

Grande parte desses usuários estava inserida no CAPS com necessidade de permanência intensiva, pois se encontrava em crise ou tinha iniciado tratamento no CAPS a partir do processo de desinstitucionalização realizado em hospitais psiquiátricos da região.

Como Maximino (2001) afirma, os sujeitos atendidos pela Terapia Ocupacional necessitam de uma forma bastante particular de acompanhamento, pois apresentam dificuldades de estabelecer vínculos, de organizar-se e deslocar-se, além da dificuldade de se expressarem de uma forma geral e expressarem seus desejos.

Foram selecionados 12 usuários que passaram a se encontrar 01 vez por semana dentro dessa proposta grupal específica. Em sua estrutura, o grupo relatado se constituiu como fechado, intermediário, caracterizado como grupo de atividades (BALLARIN, 2003).

3 | A ATIVIDADE COMO ELEMENTO INTERMEDIÁRIO

Inicialmente foram desenvolvidas atividades com o objetivo de trabalhar o fortalecimento dos sujeitos referidos ao seu protagonismo, à autoestima, bem como à formação e consolidação da relação grupal.

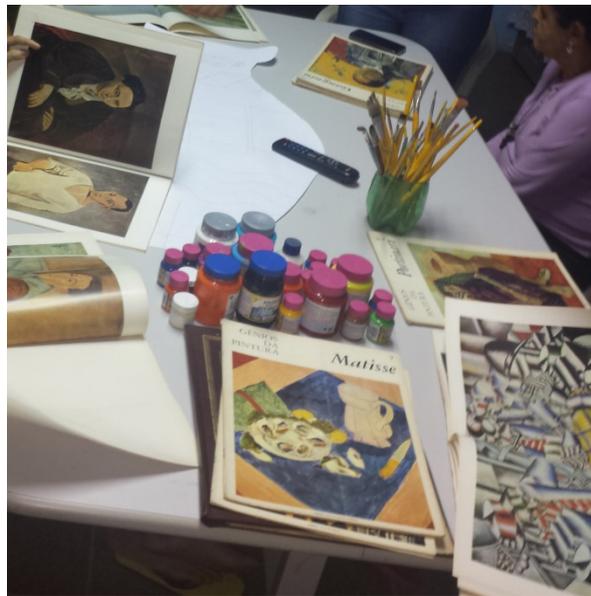
Assim, foram propostas atividades que estimulassem a expressão individual possibilitando que a experiência resultante desse processo, pudesse ser compartilhada no grupo.



Foram oferecidos materiais e proporcionadas discussões para o conhecimento e a ampliação do universo cultural e artístico dos participantes.

A partir daí, foram sendo fortalecidas as identidades, aumentando a autonomia por meio de processos de produção criativa e de transformação individual e coletiva.

Argila, tinta, papel, tesoura, lápis, jogos, música, dança, poesia, massagens entre tantos outros elementos passaram a fazer parte dos encontros e, a partir das trocas materiais, foram possibilitadas outras trocas, mais subjetivas e mais sutis, como a troca de olhares, as histórias de vidas, as experiências afetivas e a construção de novas interações.



À medida que o vínculo foi fortalecido, o ambiente revelou-se confiável e o fazer passou ser pertinente ao repertório ocupacional dos participantes. Com o amadurecimento do grupo, as dinâmicas passaram a exigir validação pessoal, na expressão e autorreflexão. As intervenções também se alteraram, sendo mais focalizadas nas relações interpessoais e mais carregadas de sentido e, a partir desse momento, fenômenos transferenciais, de ressonância e coesão grupal começaram a surgir, observando-se maior autonomia e espontaneidade, além de melhor manejo com as situações conflitantes do grupo e do dia a dia.

As atividades, dessa forma, puderam sair do plano individual e serem planejadas e executadas pelo grupo, proporcionando a experiência de trocas coletivas.

4 | RELATO DE UMA DAS EXPERIÊNCIAS

Em uma das atividades propostas, em que foi apresentada por um dos participantes uma história sobre os vasos e suas funções ao longo da existência, ao ser desenvolvida uma discussão sobre o texto, notou-se que muitos referiram sentir-se como “um vaso quebrado e jogado em qualquer canto”, sendo considerado pelas terapeutas ocupacionais, coordenadoras do grupo, que era preciso trabalhar de forma mais aprofundada essa autorreferência, com o objetivo de ressignificá-la.

Diante dessa compreensão, foi trazido um vaso de terracota grande e proposto que o grupo planejasse como ele poderia ser transformado para ser valorizado. Desta forma, o grupo trabalhou com pesquisa sobre pintura em vaso, foram discutidas as modalidades de pintura concreta e abstrata, entre outros aspectos para que o grupo pudesse iniciar a transformação daquele objeto.

A partir daí, durante 04 meses, o grupo se debruçou nessa atividade. Primeiro foram feitas experimentações individuais de como o vaso poderia ser ornamentado e depois o grupo passou a discutir, em conjunto, como aproveitar todas as ideias

surgidas no plano individual para o plano coletivo.

A mobilização do grupo para a transformação do vaso propiciou a construção de vínculos mais efetivos e afetivos. Foi preciso planejar coletivamente a produção, valorizando cada ideia, respeitando todas as expressões e harmonizando o vaso dentro desta perspectiva. Assim, a partir do planejamento e organização inicial das propostas surgidas de todos os componentes, partiu-se para a fase da produção do objeto concreto: o vaso.



Nessa etapa, o grupo teve que testar possibilidades, aceitar erros, discutir e decidir os passos a serem dados, criar estratégias para alcançar metas, estabelecer funções, lidar com as expectativas e frustrações e valorizar o potencial surgido de cada um.

Com o término da pintura do vaso, foi proposta uma avaliação da atividade, em que os componentes foram convidados a construir um gráfico com os sentimentos surgidos no início do processo e ao final dele.

Verificou-se que sentimentos como medo, angústia, ansiedade, insegurança, incapacidade, que foram os mais citados como sentimentos que surgiram no início do processo, foram substituídos, na avaliação do final do processo, por sentimentos como alegria, bem-estar, força de vontade.

Interessante notar que expressões como colaboração e acolhimento, que não apareceram na avaliação do início do processo, foram citadas ao final por alguns participantes.

Destarte, a partir dessa experiência de grupo - enquanto dispositivo terapêutico e a relação estabelecida entre seus componentes e seus objetivos - essas pessoas passaram a acreditar mais em suas potencialidades, na contingência de compartilhamentos grupais, na conquista de desafios, na possibilidade de resolução de dificuldades.

Após a finalização da experiência de produção/transformação do vaso, o grupo se reuniu para decidir o que fazer com ele - é preciso apontar que nesse momento o grupo se encontrava com características bastante diferentes do início.

Como foi indicado pelo próprio gráfico, mas também pela expressão de seus

participantes, o grupo estava mais fortalecido, empoderado, com determinação, mais seguro e potente após o desenvolvimento da atividade e o resultado positivo da produção/transformação.

Portanto, com essa expansão (mesmo que ainda pequena) de suas redes, várias ideias surgiram para o destino do vaso: rifá-lo ou vendê-lo, sorteá-lo entre os componentes, revezar a sua permanência nas casas de todos os participantes...

Após alguns dias de discussão, a decisão do grupo foi que o vaso ficaria no CAPS, para que todos os usuários e familiares pudessem vê-lo. Nessa decisão está implícita a ressignificação de como esse coletivo passou a se perceber após a experiência. Não mais havia a auto-referência ao “vaso quebrado e jogado em qualquer canto”, outras associações mais potentes puderam emergir.

Assim, ao final desse processo, foi discutida a possibilidade de se iniciar com os componentes desse grupo, acrescido de outros usuários do CAPS, uma oficina de pintura de vasos com fins de geração de trabalho e renda.

5 | ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

Essa construção, que utiliza a atividade como elemento intermediário do cuidado, tem oferecido vivências singulares aos indivíduos e ao grupo coordenado por terapeutas ocupacionais. Os participantes, a partir da prática do fazer neste setting, vêm ampliando suas trocas sociais e afetivas, experimentando sentimentos de pertencimento e percepção de seus potenciais criativos.

A intervenção por meio da atividade atua no interior de um campo cultural que produz um saber-fazer inserido em um território coletivo, esse fazer propicia movimentos de transformação que possibilita o surgimento de novos territórios (LIMA, OKUMA, PASTORE, 2013).

A possibilidade do fazer atividades na perspectiva terapêutica ocupacional oportuniza uma série de mudanças que reverbera na cotidianidade dos sujeitos e contribui para que a vida coletiva e as existências individuais sejam mais interessantes, abertas e criativas (RIBEIRO, MACHADO, 2008).

A experiência aqui relatada adquire ainda mais sentido se a tomarmos, como propõe Merhy (2007), como trabalho vivo em ato, considerando que o trabalho no campo da saúde mental, quando dirigido às proposições de produção de desejos, redes inclusivas e novos sentidos para o viver no âmbito social, permite que vida produza vida, impulsionando autonomia, possibilidades desejantes e redes sociais inclusivas.

Os participantes do grupo terapêutico ocupacional, ao desenvolverem atividades que se entrecruzam entre o individual e o coletivo, são estimulados, dentro de um ambiente confiável, a reorganizarem-se diante de novos desafios. Assim, nesse setting terapêutico, ao mesmo tempo em que o grupo vivencia a potencialidade

de transformação dos objetos que circulam entre as mãos de seus componentes, também vivencia a ampliação da potencialidade de transformação da vida de todos que direta ou indiretamente se envolvem em suas produções.

É preciso apontar, no entanto, que não se pode descolar essa prática do contexto em que ela foi desenvolvida, ou seja, o fato dessa vivência estar inserida em um Centro de Atenção Psicossocial que se esforçava para reformular suas ações na qualificação do cuidado ofertado, foi o que possibilitou e potencializou o processo de transformação dos envolvidos, pois as proposições de cuidado em saúde mental nos serviços abertos e comunitários tiram do foco a doença e passam a focar o sujeito, ofertando espaços voltados para a produção de vida, de sentido, de sociabilidade, de transformação dos espaços de não convivência em espaços coletivos (RIBEIRO, 2013).

Para que processos de trabalho no modelo psicossocial sejam efetivados é necessário que a equipe de trabalho dos serviços de saúde mental comunitários tenha como objeto de suas ações o sujeito em seus contextos de vida, sendo priorizado o cuidado em saúde de forma ampliada, objetivando autonomia, protagonismo e emancipação.

A Terapia Ocupacional, nesse sentido, se constitui como uma das estratégias de cuidado ofertada e a sua ação terapêutica deve estar engajada com todas as demais intervenções.

REFERÊNCIAS

BALLARIN MLGS. Algumas reflexões sobre grupos de atividades em Terapia Ocupacional. In: Pádua EMM, Magalhães LV. (Orgs.). Terapia Ocupacional: Teoria e Prática. Campinas: Papyrus, 2003, p. 63-78.

BARROS RDB. Grupo e produção. IN: LANCETTI A. (Org.) SaúdeLoucura n. 4, Grupos e Coletivos, 2ª. ed. São Paulo:Hucitec, 2009

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Centro de Atenção Psicossocial e Unidades de Acolhimento como lugares da atenção psicossocial nos territórios: orientações para elaboração de projetos de construção, reforma e ampliação de CAPS e de UA. Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

COSTA SL. Prefácio. In: MAXIMINO V, LIBERMAN F (orgs). Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus, 2015.

LIMA EMFA, OKUMA DG, PASTORE MN. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. Cad Ter. Ocup. UFSCar, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 243-54, 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.4322%2Fcto.2013.026>

LIMA EMFA. Um grupo de terapia ocupacional: tecendo vínculos, criando mundos. In: MAXIMINO V, LIBERMAN F (orgs). Grupos e terapia ocupacional: formação, pesquisa e ações. São Paulo: Summus, 2015.

MAXIMINO VS. Grupos de atividades com pacientes psicóticos. São José dos Campos: Ed. da Univap, 2001.

MERHY EE. O CAPS e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e alívio como dispositivos analisadores. 2004. Disponível em: <http://www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-08.pdf>.

RABELO AR, MATTOS AAQ, COUTINHO DM, PEREIRA NN. Um manual para o CAPS: Centro de Atenção Psicossocial. Salvador: Departamento e Neuropsiquiatria da UFBA, 2005.

RIBEIRO MC, Machado AL. A Terapia Ocupacional e as novas formas de cuidar em saúde mental. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 72-75, mai./ago. 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v19i2p72-75>

RIBEIRO MC. Os Centros de Atenção Psicossocial como espaços promotores de vida: relatos da desinstitucionalização em Alagoas. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, set.-dez; 24(3):174-82. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v24i3p174-182>

ZIMERMAN D. Fundamentos básicos das grupoterapias. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SOBRE A ORGANIZADORA

ANELICE CALIXTO RUH - Fisioterapeuta, pós-graduada em Ortopedia e Traumatologia pela PUCPR, mestre em Biologia Evolutiva pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Prática clínica em Ortopedia com ênfase em Dor Orofacial, desportiva. Professora em Graduação e Pós-Graduação em diversos cursos na área de saúde. Pesquisa clínica em Laserterapia, kinesio e linfo taping.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aging 2

Atividade física 1, 2, 3, 4, 6, 13, 14, 15, 24, 36, 41

C

Cerebral palsy 16, 17, 25, 26

Chronic Pain 28

Cirurgia bariátrica 6, 39, 40, 41, 42

Complicações Pós-Operatórias 39, 40

Custódia 56, 57, 59

Custody 57

D

Dor crônica 5, 27, 29, 33

Dor lombar 27, 32, 33, 36, 38

E

Envelhecimento 1, 2, 13, 14, 15

Exercício 1, 3, 7, 13, 14, 15, 39, 41, 48, 56, 58, 59, 64, 65

F

Fisioterapia 2, 5, 16, 25, 26, 27, 30, 33, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 59

Funcionalidade 16, 18, 34, 37

Functionality 17, 37

G

Groups 2, 47

Grupos 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 20, 21, 22, 23, 47, 48, 49, 54, 63, 67

H

Human Activity 47

I

Institucionalização 57

Institutionalization 57

M

Manipulações Musculoesqueléticas 27
Mental Health 47, 57
Mobilidade 16, 18, 19, 20, 21, 25, 26, 29, 43
Mobility 17, 25
Musculoskeletal Manipulations 28

O

Obesidade 33, 39, 40, 42, 43
Obesidade 37, 39
Occupational Therapy 47, 57
Órteses 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26
Orthotics 17

P

Paralisia cerebral 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26
Physical activity 1, 2, 36
Physical Therapy Specialty 40
Postoperative period care 40
Postoperative pulmonary complication 40

S

Saúde Mental 5, 47, 48, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 64, 66, 67
Sedentário 1
Sedentary lifestyle 2
Sexualidade 1, 2, 12, 13, 14, 15
Sexuality 2, 15

T

Terapêutica 20, 30, 41, 47, 53, 54, 58, 59, 61
Therapeutics 47

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-659-1

